

## Convivendo com psicopatas

Eu podia ver o sangue escuro saindo da boca de Halmea, escorrendo pelo lençol, para baixo de seu corpo, sobre o qual estava Hud. Eu não me movia, nem piscava, mas logo vi Hud de pé, arreganhando os dentes para mim; ele estava afivelando o cinto de borracha. “Um docinho ela, hein?”, disse ele. Então assobiou e começou a enfiar as pernas da calça nas bordas de suas botas de camurça vermelha. Halmea encolhera-se contra a parede...

Larry McMurty, *Horseman, Pass By*

Ao longo dos anos, acabei me acostumando com a seguinte situação: estamos jantando, e um dos presentes faz uma pergunta gentil sobre meu trabalho. Então esboço brevemente as características distintivas da psicopatia. Todas as vezes, invariavelmente, alguém à mesa de repente fica quieto, pensativo e, em seguida, exclama: “Deus do céu, eu acho que Fulano deve ser...” ou “Sabe de uma coisa, eu nunca tinha pensado nisso antes, mas a pessoa que você está descrevendo é meu cunhado”.

Essas respostas refletidas, preocupadas, não se limitam a meu círculo social. É comum pessoas que leem meu trabalho telefonarem para meu laboratório para descrever um marido, filho, empregado ou conhecido cujo comportamento inexplicável tem lhes causado sofrimento e dor há anos.

Nada justifica mais a necessidade de clareza e reflexão sobre a psicopatia do que essas histórias de desapontamento e desespero da vida real. As três histórias apresentadas neste capítulo são uma forma de penetrar nesse assunto estranho e fascinante, levando em consideração a sensação característica de que “alguma coisa está errada, mas eu não sei explicar o quê”.

Um dos relatos foi obtido entre a população de uma prisão, onde se realizou a maioria de nossos estudos de psicopatia (pela razão prática de que há um monte de psicopatas nas prisões e de que as in-

formações necessárias ao diagnóstico estão prontamente disponíveis em suas fichas).

Os dois outros relatos foram colhidos na vida cotidiana, pois psicopatas não são encontrados apenas em populações prisionais. Neste momento, no mundo todo, pais, filhos, cônjuges, amantes, colegas de trabalho e vítimas ocasionais estão tentando lidar com o caos e a confusão causados por psicopatas, enquanto procuram entender o que os impele a agir assim. Muitos dos leitores vão perceber uma incômoda semelhança entre os indivíduos desses exemplos e pessoas que os fizeram pensar que estavam vivendo no inferno.

## RAY

Depois de obter o meu grau de mestre em Psicologia, no começo da década de 1960, procurei um trabalho que me ajudasse a sustentar minha esposa e minha filha pequena e a pagar pelo grau seguinte de minha formação. Sem nunca ter entrado em uma prisão antes, assumi o cargo de único psicólogo da British Columbia Penitentiary.

Eu não tinha nenhuma experiência prática como psicólogo e nenhum interesse específico em psicologia clínica ou questões de criminologia. A penitenciária de segurança máxima perto de Vancouver era uma instituição descomunal, que abrigava criminosos de que eu só tinha ouvido falar na mídia. Dizer que eu estava em um campo nada familiar seria dourar a pílula.

Comecei a trabalhar completamente cru, sem nenhum programa de treinamento, sem nenhum sábio mentor que me explicasse como ser psicólogo em uma prisão. No primeiro dia, conheci o administrador e sua equipe de funcionários; todos usavam uniformes e alguns portavam armas em coldres laterais. A prisão era administrada segundo normas militares, pelas quais eu também devia usar um “uniforme”: jaqueta, calças de flanela cinza e sapatos pretos. Convenci o carcereiro de que o traje era desnecessário, mas ele, de qualquer modo, insistiu para que fizessem pelo menos um uniforme para mim na oficina de costura da prisão, e me mandaram descer para tirar as medidas.

O resultado foi um primeiro sinal de que as coisas não estavam tão em ordem quanto pareciam: as mangas da jaqueta eram curtas demais, havia uma discrepância hilariante entre as pernas das calças, um pé do sapato era dois números maior do que o outro. Achei este último fato particularmente espantoso, pois o recluso que medira meus pés havia sido meticuloso ao extremo, traçando os dois em uma

folha de papel pardo. Era difícil entender como ele podia ter fabricado dois pés de tamanhos completamente diferentes mesmo depois de várias reclamações de minha parte. Eu só podia concluir que ele estava me mandando algum tipo de mensagem.

Meu primeiro dia de trabalho foi bastante rico em acontecimentos. Fui apresentado a meu consultório, uma área imensa no andar de cima da prisão, bem diferente do refúgio íntimo, inspirador de confiança, que esperava encontrar. Eu ficava isolado do resto da instituição e tinha de atravessar uma série de portas trancadas para chegar ao consultório. Na parede, acima da mesa, havia um botão vermelho altamente suspeito. Um guarda que não fazia a menor ideia de qual seria o trabalho de um psicólogo na prisão, ignorância compartilhada por mim, me disse que o botão era para alguma emergência, mas, se alguma vez eu precisasse apertá-lo, não devia esperar que a ajuda chegasse de imediato.

O psicólogo que me precedera havia deixado uma pequena biblioteca no consultório. Ela consistia, principalmente, em livros sobre testes psicológicos, como o de Rorschach e o de Apercepção Temática. Eu sabia alguma coisa sobre esses testes, mas nunca havia usado nenhum deles; portanto, os livros, entre os poucos objetos na prisão que me pareceram familiares, apenas reforçaram a impressão de que eu enfrentaria tempos difíceis.

Eu estava no consultório há menos de uma hora quando o primeiro “cliente” entrou. Alto, esguio, de cabelos pretos e idade por volta dos 30. O ar ao redor dele parecia zunir, e o modo como me olhou era tão direto e intenso que fiquei pensando se teria realmente olhado alguém nos olhos antes. Ele cravava o olhar, inflexível, sem se permitir aquelas espiadas breves que a maioria das pessoas usa para suavizar a força do olhar.

O recluso, vou chamá-lo de Ray, não esperou apresentações, iniciou logo a conversa: “E aí, doutor, como é que vai? Tenho um problema aí. Preciso de ajuda. Quero falar disso com você”.

Ansioso para começar a trabalhar como psicoterapeuta de verdade, pedi que me contasse o que era. Em resposta, ele puxou uma faca e brandiu-a bem no meu nariz, o tempo todo sorrindo, com os olhos fixos nos meus. O meu primeiro pensamento foi apertar o botão vermelho atrás de mim, que estava claramente no campo de visão de Ray e cujo propósito era inconfundível. Talvez por ter sentido que ele queria apenas me testar ou talvez por saber que apertar o botão não me salvaria de nada caso ele realmente tivesse intenção de me machucar, eu me contive.

Assim que entendeu que eu não ia apertar o botão, ele explicou que estava planejando usar a faca não em mim, mas em um recluso que vinha fazendo propostas a seu “*protégé*”, termo usado na prisão que designa o parceiro mais passivo de um par homossexual. Não ficou imediatamente claro por que ele me dizia aquilo, mas eu logo suspeitei de que estava me testando, queria determinar que tipo de funcionário prisional eu era. Se eu não dissesse nada sobre o incidente à administração, estaria violando uma regra prisional rigorosa, segundo a qual os funcionários deviam relatar posse de armas de qualquer tipo. No entanto, eu sabia que, se o entregasse, correria pelo presídio a notícia de que não estava ali para ajudar os reclusos, e o meu trabalho seria ainda mais difícil do que já parecia. Depois da sessão, em que ele descreveu “seu problema” não uma única vez, mas várias, eu mantive a história da faca em segredo. Para meu alívio, ele não esfaqueou o recluso, mas logo ficou evidente que Ray conseguira me enredar: eu tinha me apresentado como um *mané*, que deixaria passar violações claras das regras prisionais básicas a fim de criar uma boa atmosfera “profissional” com os reclusos.

A partir desse encontro, Ray conseguiu tornar meu período de oito meses na prisão um inferno. Suas demandas constantes de meu tempo e suas tentativas de me manipular, obrigando-me a fazer coisas para ele, eram intermináveis. Uma vez, ele me convenceu de que podia ser um bom cozinheiro, de que tinha inclinação natural para a cozinha, achava até que seria um grande *chef* depois de solto, de que seria uma grande oportunidade de experimentar algumas de suas ideias para deixar a preparação da comida na prisão mais eficiente, etc., e eu apoiei seu requerimento de transferência da oficina (onde, ao que parece, ele tinha feito a faca). O que não considerei, no entanto, é que a cozinha era uma fonte de açúcar, batata, frutas e outros ingredientes que podiam ser destilados em álcool. Vários meses depois de eu ter recomendado a transferência, houve uma forte explosão sob as tábuas de madeira do piso, bem debaixo da mesa do carcereiro. Quando o tumulto abrandou, descobrimos um elaborado sistema de destilação de álcool sob o piso. Algo tinha dado errado, e uma das panelas explodira. Não há nada de incomum na existência de uma destilaria em uma prisão de segurança máxima, mas a audácia de montar uma debaixo da cadeira do carcereiro abalou muita gente. Quando se descobriu que Ray era o cérebro por trás da operação de aguardente clandestina, ele passou algum tempo na solitária.

Uma vez fora do “buraco”, Ray apareceu em meu consultório como se nada tivesse acontecido e pediu para ser transferido para a

oficina mecânica: ele realmente sentia que tinha um talento, via a necessidade de se preparar para o mundo lá fora, era só ter tempo para praticar, e poderia montar um negócio quando saísse... Eu ainda sentia uma pontada de culpa por ter arranjado a primeira transferência, mas, no final, ele me venceu.

Pouco depois, decidi deixar a prisão para fazer meu doutorado em Psicologia, e, mais ou menos um mês antes da minha saída, Ray quase me persuadiu a pedir a meu pai, empreiteiro da construção civil, que lhe desse um emprego como parte de uma solicitação de condicional. Quando mencionei isso a alguns dos funcionários da prisão, eles morreram de rir. Todos conheciam Ray muito bem. Todos já haviam sido envolvidos em seus esquemas e planos de recuperação e, um por um, todos tinham passado a adotar uma postura cética em relação a ele. Ficaram saturados? Eu pensava assim naquela época, mas o fato é que o modo como o viam era mais claro do que o meu, apesar do meu tipo de trabalho. A visão deles tinha sido formada por anos de experiência com pessoas como Ray.

Ray tinha uma habilidade incrível para iludir não apenas a mim, mas a todo mundo. Ele era capaz de falar e de mentir com tanta naturalidade e objetividade que, às vezes, desarmava em um instante até o funcionário mais experiente e cínico da prisão. Quando o conheci, ele já tinha uma longa ficha criminal no passado (e, como se revelou depois, teria também no futuro); cerca de metade de sua vida adulta transcorrera na prisão, e muitos de seus crimes eram violentos. Ainda assim ele me convenceu, e a outros mais experientes do que eu, de que estava disposto a se regenerar, que seu interesse pelo crime fora abafado por uma paixão incontrolável pela culinária, mecânica ou sei lá o quê. Indolentemente, mentia a respeito de tudo e não ficava nem um pouco perturbado quando eu mostrava algo em seu arquivo que contradizia suas mentiras. Simplesmente mudava de assunto e chutava para escanteio, tomando outro rumo. Por fim, convencido de que ele não podia ser um candidato ideal ao emprego na firma de meu pai, recusei seu pedido e fiquei abalado com o modo deplorável como reagiu.

Antes de sair da prisão para voltar à universidade, eu estava pagando as prestações de um Ford 58, na verdade, acima de minhas posses. Um dos guardas da prisão, que depois se tornou carcereiro, ofereceu seu Morris Minor 50 em troca do meu Ford, com transferência da dívida. Eu concordei e, como o Morris estava meio fora de forma, resolvi aproveitar o regulamento da prisão, que permitia que os funcionários mandassem seus carros para a oficina mecânica prisional, onde Ray ainda trabalhava graças a mim (sem nem ter agra-

decido). O carro ganhou uma bela pintura; o motor e o câmbio foram recondicionados.

Com todos os nossos pertences em cima do carro e nosso bebê em uma cama de compensado no banco de trás, minha mulher e eu pegamos a estrada em direção a Ontário. Os primeiros problemas apareceram logo que saímos de Vancouver: o motor começou a falhar. Depois, quando passávamos por umas subidas moderadas, a água do radiador ferveu. Paramos em uma oficina, e o mecânico achou bolas de rolamento no reservatório do carburador. Além disso, ele nos mostrou um corte nas mangueiras do radiador, que tinham sido claramente adulteradas. Tudo isso foi consertado com razoável facilidade, mas o problema seguinte, surgido em uma longa descida, foi mais grave. O pedal do freio amoleceu e, de repente, simplesmente abaixou de vez: estávamos sem freio em uma descida *longa*. Felizmente, conseguimos chegar até um posto de gasolina, onde descobrimos que o duto hidráulico havia sido cortado para que o fluido do freio vazasse aos poucos. Talvez tenha sido uma coincidência o fato de Ray estar trabalhando na oficina quando o carro passou pela revisão, mas eu não tenho dúvidas de que o “telégrafo da prisão” informou-lhe quem era o novo proprietário do carro.

Na universidade, escrevi minha tese, cujo tema eram os efeitos da punição sobre o aprendizado e o desempenho humanos. Em minha pesquisa para o projeto, tive contato pela primeira vez com a literatura sobre psicopatia. Não tenho certeza se me lembrei de Ray naquela hora, mas as circunstâncias conspiraram para que eu não o esquecesse.

Meu primeiro emprego depois de obter o título de doutor foi na University of British Columbia, perto da penitenciária onde eu trabalhara alguns anos antes. Na semana de matrículas, naquela era pré-computador, fiquei sentado à mesa, ao lado de vários colegas, para receber a inscrição de longas filas de estudantes em todos os cursos de outono. Enquanto atendia um dos alunos, meus ouvidos formigaram à menção do meu nome. “Isso, eu trabalhei como assistente do doutor Hare na penitenciária durante todo o tempo em que ele esteve lá, acho que foi mais ou menos um ano. Eu cuidava de toda a papelada para ele, passava todas as informações sobre a vida na prisão. É claro, ele discutia os casos mais difíceis comigo. Nós formávamos uma boa dupla.” Era Ray, à frente de outra fila.

Meu *assistente*! Eu interrompi o livre fluxo de suas observações com um: “Ah, é mesmo?”, esperando desconcertá-lo. “Oi, doutor, como vão as coisas?”, gritou ele, sem perder a pose. Em seguida, simplesmen-

te voltou à conversa anterior, mudando de assunto. Mais tarde, quando fui verificar os formulários de inscrição, estava evidente que suas anotações sobre cursos universitários prévios eram fraudulentas. Contava a seu favor não ter tentado se matricular em um de meus cursos.

O que mais me fascinou, eu acho, é que Ray permaneceu absolutamente imperturbável mesmo *depois* de sua fraude ter sido revelada, e meu colega, sem dúvida, entrara na onda dele. O que havia na constituição psicológica de Ray que lhe dava o poder de atropelar a realidade, aparentemente sem escrúpulos nem preocupações? Eu passaria os próximos 25 anos fazendo pesquisas empíricas para responder a essa pergunta.

A história de Ray tem um lado engraçado agora, depois de tantos anos. Menos divertidos são os casos de centenas de psicopatas que estudei desde então.

Eu estava na prisão há alguns meses, quando a administração enviou-me um recluso para um teste psicológico antes da audiência de condicional. Ele estava cumprindo pena de seis anos por homicídio. Quando eu percebi que, em meus arquivos, não havia o relatório completo da transgressão, pedi a ele que me contasse os detalhes. O recluso disse que a filha de sua namorada, um bebê ainda, estava chorando sem parar há horas e, como ela fedia, ele resolvera trocar a fralda. “Ela sujou minha mão toda, então perdi a cabeça”, disse, em um eufemismo repugnante para o que realmente havia feito. “Eu peguei a menina pelo pé e joguei com toda força na parede”, completou, com um inacreditável sorriso no rosto. Fiquei atordoado com a descrição casual daquele comportamento pavoroso e comecei a pensar em minha própria filha. Sem nenhum profissionalismo, enxotei o preso do consultório e me recusei a atendê-lo de novo.

Curioso sobre o que teria acontecido depois com aquele homem, recentemente verifiquei seus arquivos prisionais. Li que conseguira a condicional um ano depois da minha saída da prisão e morrera em uma perseguição policial em alta velocidade após um assalto a banco. O psiquiatra da prisão o havia diagnosticado como psicopata e argumentara contra a condicional. Na verdade, não era possível culpar os responsáveis pela condicional por terem ignorado o conselho de um profissional. Naquela época, os procedimentos de diagnóstico da psicopatia eram vagos e pouco confiáveis, e ainda não conhecíamos as implicações de um diagnóstico desse tipo para a predição de comportamentos. Como se pode ver, a situação é bastante diferente agora, e os responsáveis pela liberação de uma condicional que não levam em consideração os conhecimentos correntes sobre psicopatia e reincidência correm o risco de cometer erros potencialmente desastrosos.

## ELSA E DAN

Ela o conheceu em uma lavanderia, em Londres. Em licença de um ano da escola onde trabalhava, recuperava-se de um divórcio tumultuado e exaustivo. Vira o sujeito ali pelo bairro e, quando finalmente começaram a conversar, ela sentiu como se já o conhecesse. Era um homem extrovertido e amigável; eles se deram bem logo de cara. Desde o início, ela o achou divertidíssimo.

Ela se sentia sozinha. O tempo estava péssimo, chovia granizo, já tinha assistido a todos os filmes e peças da cidade e não conhecia ninguém a leste do Atlântico.

“Ah, a solidão do viajante”, declamou Dan compassivamente, na hora do jantar. “Isso é o pior”.

Depois da sobremesa, ele se deu conta, embaraçado, que havia saído sem a carteira. Elsa estava mais do que feliz em pagar o jantar, mais do que feliz em ir ao cinema para assistir de novo uma sessão dupla que vira na semana anterior. No bar, em meio a drinques, ele disse que era tradutor das Nações Unidas. Viajava pelo mundo. No momento, estava no meio de dois compromissos.

Eles se encontraram quatro vezes naquela semana, cinco na semana seguinte. Dan morava em um *flat*, na cobertura de um prédio, em algum ponto de Hampstead, segundo dissera, mas não demorou para se mudar e ir morar com Elsa. Surpresa, ela percebeu que tinha adorado a ideia. Isso era contra sua natureza, ela nem conseguia entender como havia acontecido, mas, depois de seu longo período de solidão, aquilo era o máximo.

Porém, havia alguns detalhes inexplicáveis, nunca discutidos, que ela fazia questão de afastar da própria mente. Ele nunca a convidava para visitá-lo; ela nunca encontrava amigos dele. Uma noite, ele levou para casa uma caixa com fitas de vídeos, ainda na embalagem de plástico da fábrica, fechadas; poucos dias depois, as fitas sumiram. Certa vez, Elsa voltou para casa e deu de cara com três televisões empilhadas em um canto: “Estou guardando para um amigo”, foi tudo o que ele disse. Quando pediu mais explicações, ele simplesmente deu de ombros.

A primeira vez que Dan deu o bolo em um encontro combinado, ela quase enlouqueceu, com medo de que ele tivesse sofrido algum acidente de carro: ele dirigia sempre em alta velocidade, passava voando pelos cruzamentos.

Dan sumiu durante três dias e quando, no terceiro dia, ela voltou para casa no final da manhã, ele estava na cama, dormindo. O cheiro de



perfume barato e de cerveja azeda quase a fez vomitar. A preocupação com algum acidente foi substituída por uma coisa nova para ela: um ciúme estranho, selvagem, incontrolável. “Onde é que você estava?”, perguntou, chorando. “Eu fiquei tão preocupada. Onde você estava?”

Ele acordou, parecia irritado. “Nem me venha com essas perguntas”, estourou. “Eu não vou aceitar isso.”

“O quê?”

“Onde vou, o que faço, com quem faço o quê: isso não é da sua conta, Elsa. Não faça perguntas.”

Ele parecia outra pessoa. Mas, depois, parece que conseguiu se conter, espantou o sono e veio consolá-la. “Eu sei que isso te machuca”, disse, com seu jeito amável, “mas, veja só, o ciúme é como um resfriado, basta deixar passar. Ele passa, *baby*, ele passa”. Do mesmo modo como a gata lambe seu gatinho, ele de novo a enredou, convenceu-a a confiar nele. Mas, ainda assim, Elsa achou estranho aquela explicação sobre o ciúme. Percebeu que ele nunca havia sentido nada parecido com a dor da confiança perdida.

Uma noite, perguntou, de passagem, se ele não podia dar uma saidinha até a esquina para comprar sorvete. Ele não respondeu, e quando buscou os olhos dele, encontrou um olhar furioso. “Você está sempre querendo alguma coisa, não é?”, disse ele de um modo estranho, maldoso, irônico. “Qualquer coisinha que a pequena Elsa queria logo alguém vinha correndo trazer para ela, não é mesmo?”

“Você está brincando? Eu não sou assim. Que história é essa?”

Ele se levantou da cadeira e saiu. Ela nunca mais o viu.

## AS GÊMEAS

No dia do aniversário de 30 anos de suas gêmeas, Helen e Steve tinham sentimentos contraditórios quando pensavam no passado. Cada surto de orgulho das conquistas de Ariel era interrompido por uma lembrança terrível de algum comportamento imprevisível, geralmente destrutivo e, com frequência, custoso de Alice. Elas eram gêmeas fraternas, mas sempre tiveram, desde o nascimento, uma semelhança física impressionante; no entanto, suas personalidades eram diferentes como o dia e a noite, talvez a metáfora mais apropriada fosse céu e inferno.

O contraste havia ficado absoluto ao longo de três décadas. Ariel telefonara na semana anterior para dar ótimas notícias: os sócios da empresa em que trabalhava haviam deixado claro que, se ela conti-

nuasse como estava, com certeza seria convidada a unir-se às suas fileiras em 4 ou 5 anos. O telefonema de Alice – ou melhor, do monitor do andar – não tinha sido tão animador. Alice e outra paciente do alojamento da clínica de reabilitação haviam saído no meio da noite e há dois dias não apareciam. A última vez que isso acontecera, ela surgira no Alasca, faminta e sem um tostão. Naquela época, os pais já tinham perdido as contas de quantas vezes haviam mandado dinheiro e arranjado as coisas para Alice pegar um avião de volta para casa.

Enquanto compartilhavam os mesmos problemas de crescimento, Ariel e Alice tinham sido mais ou menos normais. Alice era geniosa e mal-humorada quando não conseguia o que queria, ainda mais durante a adolescência. Tinha experimentado cigarro e maconha no primeiro ano do colégio; abandonado a faculdade no primeiro ano, temendo que a própria falta de rumo fosse falta de potencial. Naquele ano, entretanto, Ariel decidira-se pela faculdade de Direito, e a partir daí nada mais iria detê-la. Ela era focada, obstinada e ambiciosa. Fez Revisão de Leis na faculdade, graduou-se com louvor e conseguiu o emprego que queria na primeira entrevista.

Com Alice, sempre havia “alguma coisa meio errada”. As duas meninas eram bonitas, mas Helen ficava impressionada quando via como, já aos 3 ou 4 anos de idade, Alice sabia fazer caras e bocas e usava a meiguice de menina-moça para conseguir o que queria. Helen achava até que, de algum modo, Alice sabia flertar: ela ficava toda afetada quando havia homens por perto. Mas pensar essas coisas da própria filha fazia a mãe se sentir terrivelmente culpada. Helen se sentiu mais culpada ainda quando um gatinho dado às gêmeas por uma prima foi encontrado morto, estrangulado, no jardim. Ariel ficou obviamente de coração partido; as lágrimas de Alice pareciam um tanto forçadas. Por mais que tentasse banir esses pensamentos, Helen sentia que Alice tinha alguma coisa a ver com a morte do gato.

Irmãs sempre brigam, mas, de novo, “alguma coisa estava errada” no modo como essas gêmeas passavam por isso. Ariel ficava *sempre* na defensiva; Alice era *sempre* a agressora e parecia ter um prazer especial em estragar as coisas da irmã. Foi um grande alívio para todos quando Alice, aos 17 anos, saiu de casa: pelo menos agora Ariel podia viver em paz. Entretanto, logo ficou claro que, ao sair de casa, Alice descobrira as drogas. Além de imprevisível, impulsiva e sujeita a acessos de raiva para conseguir o que queria, ela havia se tornado uma viciada e sustentava seu vício a qualquer preço, inclusive com roubo e prostituição. O pagamento de fianças e de programas de tratamento – 10 mil dólares por três semanas em uma clínica cara de

New Hampshire – começou a drenar os recursos financeiros de Helen e Steve. “Que bom que *alguém* nesta casa vai conseguir pagar as próprias contas”, disse Steve quando soube das boas notícias de Ariel. Ele estava pensando justamente em quanto tempo ainda aguentaria resolver as coisas para Alice. Na verdade, começava a achar que não era muito sábia a atitude de mantê-la fora da prisão. Afinal de contas, não era ela mesma, e não ele ou Helen, que deveria enfrentar as consequências de suas próprias ações?

Helen era inflexível a esse respeito: nenhuma filha sua iria passar uma noite sequer na prisão (Alice já passara umas boas noites, mas Helen decidira esquecer isso) enquanto ela estivesse viva para pagar a fiança. A situação se transformou em uma questão de responsabilidade: Helen acreditava piamente que ela e Steve tinham feito algo errado na criação de Alice. Entretanto, em 30 anos de autoanálise, honestamente, não conseguia descobrir que erro era esse. Talvez fosse algo inconsciente, talvez não tivesse ficado muito entusiasmada quando o médico lhe dera a notícia de que havia suspeita de gêmeos. Talvez, sem tomar consciência disso, tivesse se preocupado menos com Alice, que, ao nascer, era mais calma que Ariel. Talvez, de algum modo, ela e Steve tivessem disparado a síndrome de Jekyll e Hyde ao insistir que as meninas não se vestissem do mesmo modo, que fossem para escolas de dança e acampamentos de verão separadas.

Talvez... mas Helen tinha dúvidas. Não é verdade que todos os pais cometem erros? Todos os pais não favorecem, inadvertidamente, um filho em detrimento de outro, ainda que por pouco tempo? Todos os pais não se encantam em ver como seus filhos vencem as marés altas e baixas, de acordo com as contingências da vida? Sim, claro que era assim, mas nem todos os pais tinham uma Alice. Em sua busca de respostas, durante a infância das meninas, Helen havia observado outras famílias com atenção, tinha visto alguns pais muito descuidados, muito injustos, que, no entanto, haviam recebido a graça de ter crianças estáveis, bem-ajustadas. Ela sabia que pais ostensivamente abusivos produziam, em geral, filhos problemáticos ou até com transtornos, mas tinha certeza de que, apesar de todos os erros, ela e Steve dificilmente se encaixariam nessa categoria.

Por isso, o aniversário de 30 anos das meninas provocava em Helen e Steve aqueles sentimentos contraditórios – gratidão por suas gêmeas serem fisicamente saudáveis, alegria porque Ariel tinha encontrado segurança e completude em seu trabalho e a velha e familiar ansiedade a respeito do destino e do bem-estar de Alice. Mas o sentimento predominante no momento em que esse casal fazia um

brinde ao aniversário de suas filhas ausentes talvez fosse, na verdade, de desalento; após todo esse tempo, nada havia mudado. Viviam no século XX, deviam saber como consertar as coisas. Existia pílula para curar depressão, tratamentos para controlar fobias... mas ninguém, nenhum dos vários médicos, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais que conheceram Alice ao longo dos anos tinha dado alguma explicação ou antídoto para o problema. Não podiam nem garantir que ela tinha uma doença mental. Passados 30 anos, Helen e Steve, sentados à mesa, olhavam um para o outro e se perguntavam com tristeza: “Ela é louca? Ou simplesmente má?”.